



Nuno Costa Santos

# Herdeiros dos Quatro Ventos a Pensar no Futuro

*“(... ) poderemos continuar os passeios junto à estátua de Gonçalo Velho Cabral, sabendo que não irá ser em breve substituída pela de um indivíduo gigantesco, agitando, de modo selvático, uma espada. Programa adequado, já agora, às voltas desta quadra natalícia.”*

“Somos herdeiros dos quatro ventos/ Sem uma vela para lhes dar/ Temos amarras e temos lenços/ Num cais de pedra para acenar”. Eis o início de “Poema dos Naufragos Tranquilos”, de Emanuel Félix, um dos textos que melhor definem um certo modo (ancestral) de se ser açoriano. Recupero-o agora que terminou a quarta edição do encontro literário Arquipélago de Escritores, dividido entre Ponta Delgada e Angra do Heroísmo.

No ideário do Arquipélago de Escritores sempre esteve presente o objectivo de se abarcar todo o arquipélago, todas as ilhas, toda a emigração, muito importante, todos aqueles que, não tendo nascido aqui, se relacionam de diferentes maneiras, sem necessidade de o nomear, com o arquipélago pela escrita, pelo pensamento e pelo sentimento feitos literatura.

Redigo. Os Açores são um lugar onde faz sentido celebrar a literatura de forma evidente e alargada. A nossa tradição literária é extensa e vai muito além dos nomes óbvios. É preciso reconhecê-lo, antes de mais, em casa, para poder apresentá-la ao exterior.

No quadro deste gesto, decisivo se torna prosseguir a intenção, revelada, de forma inaugural, na revista Transeatlântico, editada em 2014, e continuada nos diversos números da revista Grotta: a de espicaçar novas e diversas escritas, em modo quase laboratorial, neste chão tão profícuo. Experimentar não nos incomoda, para recuperar o título de um memorável projecto iniciado pelo faialense Pedro Lucas. Pelo contrário.

O Arquipélago de Escritores, mais uma vez, juntou autores de diferentes proveniências em solo açoriano, afirmando mais uma vez os Açores como lugar de partilha de escritas, de conversas entre autores e leitores e de diálogo entre a literatura e outras artes. E, além disso, favoreceu, de muitas maneiras (debates, leituras, roteiros, jantares), a aproximação entre escritores e leitores e contribuiu para fazer dos livros um pretexto para conversar sobre o mundo.

Recordo no instante a forma como o escritor Marcolino Candeias acolheu na biblioteca de Angra, que dirigia, o lançamento da já referida revista Transeatlântico, destacando de modo franco e inequívoco a necessidade de incentivar as escritas açorianas e saudando a publicação por procurar essa renovação. É com gente assim que se constroem as sociedades e as comunidades. Com gente com obra que incentiva. Não me esqueço desse gesto de Marcolino. E de outros, sim.

## À Descoberta de Quem Descobriu

“Os ilhéus nunca têm medo, se tivessem não podiam viver aqui, tinham de pegar nas tralhas e mudar-se e ir viver, como toda a gente, nas florestas e nos vales, ia ser uma catástrofe, os ilhéus têm uma disposição sombria, assalta-os a seriedade, não o medo”. O texto refere-se a uma ilha norueguesa e mora no romance “Os Invisíveis”, de Roy Jacobsen, editado este ano pela Relógio D’Água. Leio-o e cruço-me por acaso com uma notícia de 22 de Novembro último que conta de uma derrocada na Fajã de São João, em São Jorge, capaz de deixar 32 habitantes isola-

dos.

Lembro-me, ao ler o romance de Jacobsen, do estudo, liderado pelo investigador e ecologista Pedro Raposeiro e publicado na revista Proceedings of the National Academy of Science, que defende que os povos nórdicos, vindos das terras dos gelos e das neves, foram os primeiros a habitar os Açores, centenas de anos antes da chegada dos portugueses.

Uma tese romântica, com vento bravio a atravessá-la e originando imagens épicas sobre o verde de matizes várias destas paisagens insulares, mas o seu fundamento é (mais) básico. Na sua vocação técnica, digamos que não comporta qualquer tipo de transcendência. Parte, e peço desculpa pelos factos insusceptíveis de adaptações cinematográficas, da recolha de fezes de animais. E de sedimentos em lagos, de fungos e do ADN de ratos que habitam as ilhas açorianas. No movimento de procurar sinais de presença humana, os promotores do estudo arriscaram a conclusão de que estes datavam de um período que vai de 700 a 850.

Raposeiro apontou, num depoimento dado à revista Science, entre outras coisas, o “aumento nas partículas de carvão e uma queda na abundância de pólenes de árvores nativas”. Dado revelador, no seu entendimento, da presença de seres humanos propensos a actividades elementares como a de queimar árvores para criar gado.

Os nórdicos, dizem os intrépidos investigadores, ajudados pelos ventos e pelo clima do hemisfério norte, desceram o escadote marítimo e terão, no desbravar de ondas, atingido o solo do arquipélago.

Tropecei há dias numa peça da RTP Açores com uma tese contrária, apresentada por Alexandre Monteiro, que trabalhou durante anos nos Açores na área da arqueologia subaquática (património riquíssimo, ainda desconhecido dos próprios açorianos). Para Monteiro, a exclusão de arqueólogos e historiadores credenciados no estudo tira-lhe credibilidade. Também advoga outras direcções e diz, por exemplo, que os esporos e os compostos orgânicos encontrados não são exclusivos de humanos. Na mesma peça, Rute Gregório, historiadora da Universidade dos Açores, revela achar inverosímil, sob o ponto de vista historiográfico, terem existido por estes lados povos desde 700 até à chegada dos portugueses. Eles lá sabem.

Acrescente-se: esta divergência vem juntar-se a uma outra, conhecida e difundida, defensora de uma demorada presença, anterior à chegada dos portugueses, de povos como os fenícios, os cartagineses, os celtas e os romanos, aqui chegados após uma travessia marítima na costa africana. Há, sabemos, quem aponte vestígios vários dessa permanência.

Sejamos práticos, até porque isto da pandemia ainda não encerrou para balanço. Não convém haver pressas e outras ansiedades. Enquanto continuar a conversa científica, poderemos continuar os passeios junto à estátua de Gonçalo Velho Cabral, sabendo que não irá ser em breve substituída pela de um indivíduo gigantesco, agitando, de modo selvático, uma espada. Programa adequado, já agora, às voltas desta quadra natalícia.